

DOI: <https://doi.org/10.23925/ddem.i3.51910>

Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS: UM CONTO PÓS-MODERNO

ANIMAL FARM: A POST-MODERN TALE

Silas Dias de Oliveira Filho¹

RESUMO

Na Revolução dos Bichos, George Orwell apresenta, de forma lúdica, porém, contundente, as vicissitudes de uma organização social de viés totalitário, marcada pela exploração do forte pelo fraco. Apesar das reviravoltas e revoluções visando a transformar as condições de existência, as circunstâncias materiais acabam por, novamente, conduzir o desfecho da história a um patamar bastante próximo daquele existente no ponto de partida. Embora o texto se refira a um momento histórico bastante específico – Revolução Russa de 1917 –, revela-se, ainda, bastante atual, uma vez que o passado insiste em se refazer no futuro, diante da displicência do presente com a História. O presente trabalho, voltando os olhos à biografia do autor e reexaminando criticamente a obra em tela, buscará demonstrar sua adequação à realidade da sociedade pós-moderna.

Palavras-chave: George Orwell; A revolução dos bichos; Pós-modernidade.

ABSTRACT

In *Animal Farm*, George Orwell presents, in a ludic, however, blunt way, the vicissitudes of a social organization with a totalitarian bias, marked by the exploitation of the strong by the weak. Despite the twists and turns and revolutions aimed at transforming, for better, the conditions of existence, material circumstances end up, once again, taking the outcome of history to a level very close to that existing at the starting point. Although the text refers to a very specific historical moment - the Russian Revolution of 1917 -, it still proves to be very contemporary, since the past insists on redoing itself in the future, given the carelessness of the present with History. The present work, turning its eyes to the author's biography and critically reexamining the work on canvas, will seek to demonstrate its adequacy to the reality of postmodern society.

Keywords: Georg Orwell; Animal farm; Post-modernity

¹ Doutorando em Direito Processual Civil pela Universidade de São Paulo. Mestre em Direito Processual Civil pela Universidade de São Paulo. Especialista em Direito Civil e Direito Processual Civil pela Faculdade de Direito Damásio de Jesus. Especialista em Direito Notarial e Registral pela Faculdade Anhanguera-UNIDERP. Graduado em Direito pela Universidade de São Paulo. Juiz Substituto do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Ex-Juiz de Direito do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais. Ex-Assistente Jurídico do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Ex-Escrevente Técnico-Judiciário do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Ex-Conciliador do Juizado Especial Cível - Anexo XI de Agosto do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Aprovado no 134º Exame da Ordem dos Advogados do Brasil. Aprovado no 11º Concurso Público de Provas e Títulos para Outorga de Delegações de Notas e de Registro do Estado de São Paulo. silasdf@usp.br

INTRODUÇÃO

George Orwell foi um dos grandes escritores do século XX, tendo recebido reconhecimento mundial, principalmente, em razão de duas obras, nas quais denuncia as vicissitudes do totalitarismo: “Animal Farm” (A Revolução dos Bichos) e “Nineteen Eighty-Four” (1984).

Mediante pesquisa bibliográfica e revisão da literatura, este breve ensaio buscará resgatar parcela da biografia do autor, bem como, através de uma análise crítica da fábula “A Revolução dos Bichos”, identificar se, mesmo após mais de sete décadas de sua publicação original, as ideias nela expressadas ainda se mostram úteis para a compreensão da realidade atual.

O primeiro capítulo apresentará, sucintamente, relevantes acontecimentos da vida de George Orwell, que tiveram importância em sua formação como escritor.

O segundo capítulo examinará, criticamente, o conteúdo da fábula “A Revolução dos Bichos”, dele extraindo as referências políticas consideradas como de maior destaque.

O terceiro capítulo trará, brevemente, considerações acerca da atualidade da obra à luz das condições existentes na sociedade contemporânea.

1. BREVES NOTAS SOBRE A VIDA E A OBRA DO AUTOR: DE BLAIR A ORWELL

Eric Arthur Blair nasceu em 25 de junho de 1903, em Motihari, na Índia, país que, à época, era colônia do Império Britânico. Filho de servidor público civil britânico lotado na colônia indiana, retornou à Inglaterra alguns anos após seu nascimento, em razão da aposentadoria de seu pai. Apesar dos rendimentos modestos, sua família logrou lhe fornecer condições para que ingressasse no Eton College. (PELPUO; BAKUURO; TUUROSONG, 2018, p. 4).

Após graduar-se, Eric retornou à colônia, trabalhando na Polícia Imperial Indiana, entre 1922 e 1927, experiência que marcou profundamente seu caráter. (FAJRINA, 2016, p. 79). Lotado na Birmânia (atualmente Myanmar), testemunhou episódios de opressão, infligidos por oficiais britânicos. Depois de cinco anos de labor, exonerou-se e retornou para a Europa, optando por viver em Paris. (PESSIOLI, 2008, p. 26).

Enfrentou grandes dificuldades para publicar seus trabalhos literários, tendo sido obrigado a exercer as funções de tutor e de lavador de pratos na capital francesa. Nessa ocasião, entrou em contato com os problemas e dificuldades enfrentados pela oprimida classe mais pobre parisiense, do que resultou, em 1933, a obra “Down and Out in Paris and London” (Na Pior em Paris e Londres), primeira produção sob o pseudônimo “George Orwell”. (PELPUO; BAKUURO; TUUROSONG, 2018, p. 5).

Provavelmente, o nome artístico originou-se das seguintes referências: (i) “St. George”, patrono da Inglaterra, ou “George V”, rei da Inglaterra à época; e (ii) rio “Orwell”, localizado em Suffolk, local estimado por Eric durante a infância. (PESSIOLI, 2008, p. 27).

Os momentos vivenciados durante as fases na Birmânia e em Paris fizeram com que Orwell despertasse sua desconfiança em relação às autoridades e abrisse os olhos para a existência da classe trabalhadora. (PELPUO; BAKUURO; TUUROSONG, 2018, p. 7).

No ano seguinte (1934), publicou o romance “Burmese Days” (Dias na Birmânia), baseado na vivência enquanto oficial da Polícia Imperial Indiana (PELPUO; BAKUURO; TUUROSONG, 2018, p. 5), narrando as aventuras de Flory, um empreendedor britânico que tenta fazer fortuna na Birmânia, sendo destacadas as influências da colonização britânica em solo indiano. (PESSIOLI, 2008, p. 28).

Em 1935, publicou “A Clergyman's Daughter” (A Filha do Pároco”, “A Filha de um Reitor” ou “A Filha do Reverendo). (PELPUO; BAKUURO; TUUROSONG, 2018, p. 5). Neste romance, a protagonista, Dorothy Hare, filha única de um religioso, criada sob rígidas regras e hábitos eclesiásticos, acaba por questionar esses ensinamentos. (PESSIOLI, 2008, p. 30).

Em 1936, publicou “Keep the Aspidistra Flying” (Mantenha o Sistema”, “Moinhos de Vento” ou “A Flor da Inglaterra). (PELPUO; BAKUURO; TUUROSONG, 2018, p. 5). Trata-se da história de Gordon Constock, atendente de uma livraria que enfrenta dilemas relacionados aos valores da classe média. (PESSIOLI, 2008, p. 30).

Em julho de 1936, George Orwell casou-se com sua primeira esposa, Eileen O’Shaughnessy. (PESSIOLI, 2008, p. 31). Todavia, ainda naquele ano, Orwell, a pedido de um editor parceiro, aceitou a proposta de conhecer a realidade de uma mina de carvão inglesa e escrever sobre o cotidiano dos mineiros, o que acabou por se tornar, possivelmente, a terceira grande experiência a marcar sua vida, (MATOS, 2005, p. 27), ao lado dos tempos como guarda imperial e das dificuldades enfrentadas em solo parisiense. Daí adveio o romance “The Road

to Wigan Pier” (O Caminho para Wigan Pier), publicado em 1937. (PELPUO; BAKUURO; TUUROSONG, 2018, p. 5).

No final do ano de 1936, iniciou-se o episódio que, talvez, tenha tido maior influência na formação de George Orwell: sua participação na Guerra Civil Espanhola, da qual tomou parte contra Franco, batalhando ao lado dos republicanos, estreitamente ligados ao movimento comunista. (PELPUO; BAKUURO; TUUROSONG, 2018, p. 5).

Nesse ponto, é importante ressaltar que George Orwell não se apresentava como um socialista tradicional, defendendo ideais um tanto quanto singulares². Com o crescimento da influência das forças fascistas e nazistas, Orwell entendia pela necessidade de livrar a Grã-Bretanha do capitalismo privado desenfreado e do poder ilimitado dos regimes totalitários. Identificou o modelo adequado no “socialismo democrático”.

Tal modelo possuía características peculiares que o distinguiam daquele de raiz marxista, atribuindo grande importância à ideia de humanismo, pragmatismo, honestidade e defesa da liberdade de expressão e, de outro lado, descrendo da viabilidade da extinção das diferenças entre as classes sociais. (SILVA, 2005, pp. 33-34 e 46-47).

George não se deixava seduzir pela ideia de utopia, que se apresentava como um projeto imposto de cima para baixo e que tinha como ponto fraco justamente a aspiração à perfectibilidade do homem. Assim, sua concepção dissociava-se do utopismo, pois não almejava tornar o mundo perfeito, mas, sim, fazê-lo melhor, por meio de uma união radical entre os valores de igualdade, de liberdade, de justiça e de democracia. (SAMPAIO, 2005, p. 72).

Em Barcelona, apesar de ter encontrado uma atmosfera de camaradagem e respeito em relação aos companheiros de luta, tal impressão foi frustrada, pois parcela desses camaradas acabaram presos e mortos por outros colegas, sob o pretexto de que teriam traído os ideais comunistas do movimento, sendo que o próprio Orwell acabou sendo ferido. Em razão das lesões provocadas por um projétil de arma de fogo que lhe atravessou a garganta, deixou a Catalunha praticamente afônico. (HITCHENS, 2010).

² Aqui, faz-se referência à análise realizada pelo serviço de inteligência britânico, em 1942, que concluiu não se tratar Orwell de indivíduo “perigoso” para a Inglaterra, pois suas visões não se compatibilizavam com os ideais do comunismo tradicional, apresentando-se como crítica a sistemas totalitários, o que, inclusive, assegurou-lhe a obtenção de credencial para atuar como jornalista junto às forças aliadas na Segunda Guerra Mundial (PESSIOLI, 2008, p. 67-68).

De volta à Inglaterra, os socialistas ofereceram resistência em aceitar os relatos de George, uma vez que a guerra ainda estava em curso e sua divulgação poderia ser prejudicial à posição dos republicanos. Estas circunstâncias fizeram com que George Orwell se tornasse crítico dos socialistas britânicos e do comunismo, sendo que dessa vivência adveio a obra “Homage to Catalonia” (Lutando na Espanha ou Homenagem à Catalunha), publicada em 1938. (PELPUO; BAKUURO; TUUROSONG, 2018, pp. 5 e 8-9).

As experiências na Birmânia e na Espanha fizeram com que Orwell desenvolvesse profunda rejeição a sistemas totalitários e ditatoriais, seja de direita ou de esquerda, (PELPUO; BAKUURO; TUUROSONG, 2018, p. 9), sentimento que foi eternizado na fábula “Animal Farm” (A Revolução dos Bichos), publicada em 1945, cuja inspiração mais relevante foram os eventos relacionados à Revolução Russa. Segundo o próprio autor, tratou-se do primeiro livro no qual havia tentado, conscientemente, unir propósitos políticos e artísticos em um todo coeso. (ORWELL, 1953).

Porém, não obstante o manuscrito de “A Revolução dos Bichos” ter sobrevivido a um bombardeio nazista, (HITCHENS, 2010), George enfrentou grandes dificuldades para publicar a obra, pois os editores consideraram-na um ataque à União Soviética, então aliada do Reino Unido na Segunda Guerra Mundial, ainda em curso.

Assim, a publicação britânica ocorreu apenas em 17 de agosto de 1945, depois de encerrada a Segunda Grande Guerra, tendo sido vendidas 25 mil cópias em 5 anos (note-se que o sucesso nos Estados Unidos da América foi muitas vezes superior, anotando-se 590 mil cópias vendidas nos quatro anos que sucederam ao lançamento, havido em 1946). (PELPUO; BAKUURO; TUUROSONG, 2018, p. 9).

Releva destacar que o livro chegou a ser proibido em alguns países. Há registros de que diversos volumes de edições ucranianas e alemãs do livro foram apreendidos e incinerados pelo Exército Vermelho. (HITCHENS, 2010).

Em 19 de outubro de 1945, Orwell publicou texto denominado “You and the atom bomb”, no qual, chamando a atenção aos graves riscos inerentes à produção de armas com elevado poder de destruição e que poderiam ser utilizadas apenas por um reduzido número de países de elite, marco identificado como o de criação da expressão “Guerra Fria”. (HITCHENS, 2010).

Ao lado de “A Revolução dos Bichos”, sua obra mais famosa é o romance de ficção “Nineteen Eighty-Four” (1984), publicado em 1949 e que descreve os abusos de um governo totalitário em um futuro distópico. (VIEIRA; SILVA, 2005, pp. 5-6).

Apenas esses dois trabalhos trouxeram retornos relevantes a George Orwell, sendo consideradas como os expoentes máximos de sua obra (SAMPAIO, 2005, p. 62) e consagrando-o como escritor que denunciou, de forma mais incisiva, os abusos de governos totalitários. (VIEIRA; SILVA, 2005, pp. 5-6).

Em 1949, Orwell desposou sua segunda mulher, Sonia Brownell, já bastante debilitado pela tuberculose. (PESSIOLI, 2008, pp. 38-39). Faleceu de forma relativamente precoce, aos 46 anos, em razão de problemas pulmonares, em Londres, em 21 de janeiro de 1950, (PELPUO; BAKUURO; TUUROSONG, 2018, p. 5), quando alcançava a maturidade como escritor. (PESSIOLI, 2008, p. 13).

Curiosamente, deixou disposições testamentárias para que fosse impedida a reedição dos romances “A Filha do Reverendo” e “A Flor da Inglaterra”, reconhecendo não terem sido obras de ficção de excelência. Todavia, apesar da autocrítica, é inegável a importância de George Orwell.

A partir de sua obra derivou-se o adjetivo “orwelliano”, o qual, por sua vez, apresenta dois significados. Um “estado de coisas orwelliano” remete à existência de uma tirania, que opera através do medo e do conformismo. Um “texto orwelliano” denota que a resistência humana à opressão tirânica é inabalável. (HITCHENS, 2010).

Por fim, na seara das homenagens póstumas, pelo reconhecimento de sua luta na Guerra Civil Espanhola, em 1998, em Barcelona, uma praça recebeu a denominação “Praça George Orwell”, (HITCHENS, 2010), sendo que, atualmente, existe um prêmio inglês de literatura denominado “Orwell Prize”, concedido anualmente a autores de textos políticos que utilizam linguagem acessível. (PESSIOLI, 2008, p. 22).

2. CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS SOBRE O ANIMALISMO: ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

A inspiração para a produção de “A Revolução dos Bichos” foi a Revolução Russa de 1917. (FAJRINA, 2016, p. 80). Trata do processo de ruptura de um sistema, fundada em ideais

revolucionários, os quais são, posteriormente, traídos, com a implantação de um regime totalitário. (PELPUO; BAKUURO; TUUROSONG, 2018, p. 11).

O texto é formalmente estruturado em fábula, sendo que os personagens principais são animais, com capacidade de raciocinar e de falar. (PELPUO; BAKUURO; TUUROSONG, 2018, p. 11). Em uma época de embates ideológicos acentuados, George Orwell encontrou neste subgênero literário o meio adequado para abordar assuntos delicados, como a injustiça social e o autoritarismo. (MARTINS, 2005, p. 52).

Jones, o proprietário originário da Granja do Solar (Manor Farm), possível referência ao czar Nicholas II, é descrito como um mestre cruel que estabelece, sobre os bichos, uma dominação autocrática: há excesso de trabalho e condições de vida degradantes, análogas a uma situação de escravidão, sendo o produto do trabalho dos animais apropriado pelo senhor, que, em troca, oferecia-lhes apenas teto e alimentos.

A situação dos animais é uma analogia à realidade dos proletários soviéticos, forçados a trabalhos pesados nos campos, enquanto os cúlaques (donos das terras) prosperavam, aproveitando-se do produto do labor dos camponeses pobres. (FAJRINA, 2016, p. 85).

O velho Major (Old Major) é descrito como um velho e sábio cachaço, que gozava de grande respeito pelos demais bichos da granja, ocupando posição bastante próxima à derivada da dominação carismática apresentada por Max Weber. (2015, p. 65).

Trata-se de figura que alude a Karl Marx, uma vez que lançou para os animais as ideias de uma Revolução contra Jones, que haveria de ocorrer em algum momento, colocando fim à exploração dos animais (classe dominada) pelos humanos (classe dominante) e criando uma sociedade sem classes, nos quais todos os bichos seriam iguais. (FAJRINA, 2016, p. 85).

Passado algum tempo, as condições materiais e psicológicas necessárias se fazem presentes (situação de extrema opressão e impossibilidade de aceitação de sua continuidade) e a revolução, com sucesso, consegue expulsar Jones da granja, a qual passa a ser de propriedade dos animais e recebe o nome de “Granja dos Bichos” (Animal Farm).

Verifica-se que os porcos, apresentados como espertos, inteligentes e com capacidades de discursar, ler e escrever, tornam-se os líderes dos demais bichos, sem que, de outro lado, tivessem sido escolhidos por eleição para ocupar tal posição. (FAJRINA, 2016, p. 85).

Dentre os suínos, destacam-se Napoleão (Napoleon) e Bola-de-Neve (Snowball), amigos e protagonistas na obtenção da vitória da Revolução. (JABAK, 2019, p. 176). Passam,

então, a ocupar posição de liderança, mas sempre adotando entendimentos discordantes e antagônicos entre si, representando, assim, as figuras, respectivamente, de Stálin e de Trotsky.

Ambos disputaram, após a morte de Lênin, a liderança do Partido Bolchevique e a Presidência da União Soviética, sendo que Stálin sagrou-se vencedor, exilando, em seguida, Trotsky, bem como prendendo, expulsando e matando os aliados deste. Trata-se de situação análoga à ocorrida na Granja do Solar, entre Napoleão e Bola-de-Neve, após a reunião na qual se discutiu a construção do moinho de vento. (FAJRINA, 2016, pp. 85-86).

Durante o processo de derrubada de Bola-de-Neve, Napoleão havia separado uma ninhada de filhotes caninos, tendo os treinado para serem ferozes e obedecer às suas ordens. Os cachorros são utilizados para expulsar o porco rival da granja, permitindo que a liderança fosse exercida de forma exclusiva por Napoleão. (PELPUO; BAKUURO; TUUROSONG, 2018, p. 11).

Com isso, a possibilidade de uso abusivo do poder ampliou-se de forma significativa, tendo se concretizado através da sucessiva modificação das leis em proveito dos detentores do poder, com a manipulação e a falsificação da história e com a utilização de métodos violentos para o tratamento de dissidentes – práticas comuns em governos tirânicos e totalitários. (JABAK, 2019, p. 177).

Outro porco que tem destaque na história é Garganta (Squealer). Possuidor de habilidades de retórica e oratória, era utilizado por Napoleão para convencer os demais bichos de que os sucessos da granja eram obra do referido líder e que os fracassos, por sua vez, eram plenamente imputáveis a Bola-de-Neve. (FAJRINA, 2016, p. 86).

Mostra-se bastante persuasivo, o que é notado no comportamento do personagem Sansão (Boxer), representante da ingenuidade da classe proletária, que sempre repetia as máximas “Se é o que diz o Camarada Napoleão, deve estar certo”, “Napoleão tem sempre razão” e “Trabalharei mais ainda”. (ORWELL, 2007).

Ainda quanto a Garganta, suas atribuições na granja, funcionando como meio de comunicação oficial do sistema, assemelham-se à utilização realizada por Stálin do jornal “Pravda” e da agência de notícias “Tess”, que sempre forneceram suporte aos pronunciamentos e decisões do governo. (PELPUO; BAKUURO; TUUROSONG, 2018, p. 14).

Esses meios divulgavam políticas stalinistas, algumas, inclusive, fundadas em apropriação de ideias do rival Trotsky, fazendo com que os proletários acreditassem serem iniciativas originais do referido líder. (FAJRINA, 2016, p. 86).

Trata-se da “mentira organizada”, artifício empregado pelos governantes para distorcer e silenciar a história e desenvolvido com maior profundidade por Orwell na obra “1984”. (MARTINS, 2005, p. 53). O desenrolar do já mencionado episódio do moinho de vento é exemplo bastante claro dessa forma de emprego dos meios de comunicação.

Quanto ao ponto, observa-se uma omissão, que, diante de sua magnitude, com alta probabilidade deu-se de forma consciente e voluntária por parte de Orwell. Não existe nenhum animal (que, no caso, provavelmente, também seria um porco) fazendo referência à figura de Lênin, o qual, segundo George também tinha, ao lado de Trotsky, certo grau de responsabilidade em relação ao advento do stalinismo. (HITCHENS, 2010).

É de se notar que, mesmo nos momentos iniciais pós-revolucionários, os porcos acabam arrogando a si próprios privilégios em relação aos demais bichos, conforme se verifica da apropriação das maçãs e do leite, (PESSIOLI, 2008, p. 81), sob o pretexto de que o trabalho intelectual realizado seria de grande responsabilidade e, portanto, extenuante.

Tal situação sinaliza o risco concreto de que a liderança se outorgue benesses em detrimento das massas, o que, elevado ao extremo, poderia conduzir ao retorno às condições adversas que ensejaram a eclosão do movimento revolucionário. (JABAK, 2019, p. 176).

Por diversas vezes, Napoleão desviou-se e acabou por deturpar, um a um, os Sete Mandamentos, que representavam os princípios do Animalismo, inspiraram a revolução e deveriam reger o comportamento de todos os bichos, (SAMPAIO, 2005, p. 66), ensejando a adoção, pelos porcos, de comportamentos cada vez mais “humanos”, anteriormente alvo de profunda rejeição pelos animais. (MARTINS, 2005, p. 56).

É uma referência satírica à traição de Stálin aos ideais da Revolução Russa, que prometia igualdade, camaradagem, justiça social e econômica, liberdade de pensamento e de sua expressão, entre outros valores, os quais foram suprimidos pelo regime stalinista. (PELPUO; BAKUURO; TUUROSONG, 2018, p. 13).

Após alguns anos, ocorre a Proclamação da República na granja, evento de caráter meramente formal, visando a conferir a aparência de democracia ao regime totalitário existente. Apenas Napoleão se candidata, sendo eleito, por unanimidade. (JABAK, 2019, p. 178). O “camarada” torna-se “líder”.

Em determinado momento, os bichos suspeitos de traição ao governo passam a ser executados, sendo-lhes impingida tortura para que confessassem crimes que não cometeram. Essa prática também foi adotada por Stálin, entre os anos de 1936 e 1938, nos denominados

“Processos de Moscou” e “Grande Expurgo”. (PELPUO; BAKUURO; TUUROSONG, 2018, p. 13).

Registre-se, ainda, o personagem Moisés (Moses), que representa a utilização da religião para propósitos políticos. O corvo funciona como um espião do líder e um contador de mitos, em especial sobre a existência de uma “Montanha de Açúcar”, local de grande prosperidade que seria alcançado pelos animais depois de sua morte. Afirma-se que se trata de referência ao comportamento indulgente de Stálin em relação à religião católica. (PELPUO; BAKUURO; TUUROSONG, 2018, p. 14).

Note-se que o sonho do velho Major pode ser classificado como uma utopia, aproximando-se da “Montanha de Açúcar” alardeada por Moisés, uma vez que é composto por abundância de comida e água fresca, sem qualquer exploração pelos humanos, porém, com o diferencial de poder ser alcançado em vida pelos animais. (SAMPAIO, 2005, p. 64).

Passo a passo, a revolução desemboca em uma distopia – termo utilizado pela primeira vez em um discurso parlamentar de John Stuart Mill, na Câmara dos Comuns, em 12 de março de 1868, como sinônimo de “local ruim”. Refere-se a um tipo de sociedade no qual o governo, que se diz perfeito, ocultando seu verdadeiro estado corrompido, exerce intenso controle sobre os cidadãos. (MATOS, 2017, pp. 43-44).

Justamente o que a Granja dos Bichos havia se tornado: um local onde os indivíduos não possuíam liberdade, com estratificação social acentuada, imposta pelos detentores do poder, calcada na manipulação da opinião pública pela propaganda institucional realizada pelo regime totalitário. (PESSIOLI, 2008, pp. 56-57).

Em regimes desta natureza, o monopólio da educação e da tecnologia é utilizado como ferramenta de perpetuação no poder. Este elemento também está presente n’A Revolução dos Bichos, expressando-se, por exemplo, no episódio em que Napoleão cria uma escola, nela atuando como professor e somente admitindo leitões como alunos. Assegurava-se, assim, que o conhecimento ficasse restrito aos porcos, os quais, por sua vez, eram educados de acordo com a ideologia da classe dominante.

Em relação à tecnologia, somente os suínos tinham acesso às revistas deixadas por Jones, bem como às comodidades existentes na sede da granja, como móveis e eletricidade, além das armas de fogo, (PESSIOLI, 2008, p. 76), alijando-se os demais animais do acesso a tais recursos.

Após a revolução a granja prospera e enriquece, porém, os animais não desfrutam das benesses conquistadas, as quais são aproveitadas, exclusivamente, pelos suínos, que passam a gozar de seus privilégios de forma cada vez mais explícita.

O que parece unir os animais, ao final, não é a experiência de uma comunidade, mas sim um senso de nacionalismo, alimentado pela constantemente cultivada ameaça da volta de Jones e da traição de Bola-de-Neve³, que constantemente se homiziava nas granjas vizinhas, contribuindo para sua classificação como aliadas ou inimigas. (SAMPAIO, 2005, p. 65).

Permanece, contudo, um sentimento um tanto quanto evanescido, entre os animais, uma incerteza e um questionamento sobre se a vida atual, pós-revolucionária, seria realmente muito melhor do que aquela existente sobre o domínio de Jones. Isso demonstra a ausência de consciência política acerca do passado e de participação nas decisões de governo e na composição deste, o que foi determinante para selar o destino dos bichos. (PESSIOLI, 2008, p. 84).

Apenas Benjamim (Benjamin), o burro, mostra-se como símbolo da memória do passado. Sempre mencionava que, sendo o mais velho dos animais, sabia que a vida dos bichos não seria muito pior, nem muito melhor do que sempre fora tendo se mantido sempre cético em relação à revolução e aos acontecimentos que a sucederam, passando a envolver-se somente quando seu amigo de longa data, Sansão, estava sendo encaminhado para o abate. (PESSIOLI, 2008, p. 88).

A ideia utópica é abandonada, por determinação dos porcos. Após os episódios de torturas e execuções, os bichos desenvolvem um sentimento de inquietude e, numa tentativa de retornar aos ideais já bastante surrados da revolução animalista, entoam, por três vezes, o hino “Bichos da Inglaterra” (Beasts of England). (HITCHENS, 2010).

Identificando uma ameaça à perpetuação no poder, Napoleão decide abolir a utilização desse símbolo, sob o pretexto de que a revolução estaria concluída e a utopia, enfim, alcançada,

³ No âmbito da história nacional, movimento análogo pode ser identificado. Tanto a Constituição de 1937 (Atendendo ao estado de apreensão criado no País pela infiltração comunista, que se torna dia a dia mais extensa e mais profunda, exigindo remédios, de caráter radical e permanente;) quanto o Ato Institucional n. 1, de 1964 (Para demonstrar que não pretendemos radicalizar o processo revolucionário, decidimos manter a Constituição de 1946, limitando-nos a modificá-la, apenas, na parte relativa aos poderes do Presidente da República, a fim de que este possa cumprir a missão de restaurar no Brasil a ordem econômica e financeira e tomar as urgentes medidas destinadas a drenar o bolsão comunista, cuja purulência já se havia infiltrado não só na cúpula do governo como nas suas dependências administrativas), diplomas normativos que marcaram período inaugural de regimes ditatoriais invocam, expressamente, a necessidade de combate à ameaça comunista para justificar a adoção da medida (BRASIL, 1937; BRASIL, 1964).

fazendo com que o arremedo de tomada de consciência da realidade seja frustrado, consolidando, assim, o sistema totalitário instalado na granja. (SAMPAIO, 2005, p. 66).

A crítica de George Orwell ao totalitarismo é dotada de caráter que transcende a época em que foi escrita, destacadamente por trabalhar questão fundamental em regimes totalitários: a manipulação da memória.

O indigitado processo é marcado por três características principais (encontradas no nacionalismo, entendido como um sistema no qual há constante tensão visando à neutralização ou eliminação de grupos rivais, que ameaçam a permanência ou a perpetuação no poder): (i) obsessão; (ii) instabilidade; e (iii) indiferença à realidade. (MARTINS, 2005, pp. 55-56).

A obsessão relaciona-se à necessidade de afirmar a superioridade do grupo no poder, atingindo seu ápice com os porcos, que se colocam em um patamar mais elevado que os demais bichos, sabendo ler e escrever, vindo, com o tempo, a alterar o valor axiológico dos símbolos e das celebrações da revolução, como forma de justificar e legitimar os privilégios que, paulatinamente, implantaram em favor de si próprios. (MARTINS, 2005, pp. 56-57).

A instabilidade, por sua vez, revela-se na significativa modificação da lealdade existente em relação a Bola-de-Neve, que de honrado camarada e defensor da revolução torna-se traidor do movimento animalista e responsável por toda sorte de intempéries enfrentadas pela granja, por meio de manipulações empreendidas por Napoleão, visando a destruir a imagem do suíno concorrente. (MARTINS, 2005, p. 57). Também pode ser identificada na constante alternância da natureza da relação mantida com as granjas vizinhas (Foxwood” e “Pinchfield), que se revezam como aliadas e inimigas dos bichos, a depender da ocasião. (PESSIOLI, 2008, p. 82).

A indiferença à realidade, de outro lado, é identificada na aceitação passiva de atrocidades cometidas pelos porcos, como torturas e execuções, sob forte influência da propaganda divulgada por Garganta.

Essa característica apenas parece arrefecer nos momentos finais do livro, quando os bichos retomam maior contato com a realidade, percebendo a enorme semelhança entre os suínos e os humanos e tomando conhecimento do derradeiro mandamento animalista que substituiu os outros setes originais: “Todos os animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais do que os outros”. (MARTINS, 2005, p. 57).

O ciclo se fecha, com a impossibilidade de os animais distinguirem suínos de humanos, com a constatação da existência de animais “mais iguais” que os demais e com a nova

modificação do nome da comunidade, retomando-se a denominação original “Granja do Solar”. (HITCHENS, 2010). A revolução havia sido, finalmente, vencida.

3. A ATUALIDADE DO TEMA

Não obstante seja possível identificar um contexto histórico bastante específico a inspirar a obra “A Revolução dos Bichos”, (VIEIRA; SILVA, 2005, p. 5), o olhar crítico apresentado por Orwell não pode ser resumido como direcionado apenas ao comunismo ou ao socialismo. Seria uma visão excessivamente simplista da obra e do pensamento do autor.

Trata-se na verdade, da denúncia às injustiças praticadas por governos que se valem de severas restrições às liberdades individuais e de intensos mecanismos de controle para se perpetuar no poder.

Refere-se, de forma, mais ampla ao fenômeno do totalitarismo, compreendido como um sistema com acentuado déficit democrático, marcado pelo controle das atividades políticas dos cidadãos e pela relativa tolerância ao exercício de liberdades individuais, normalmente relacionadas à religião, à família e a atividades comerciais, mas, apenas, na medida em que estas não interfiram com as diretrizes políticas do regime, as quais são implementadas através de métodos violentos, com suporte de propaganda massiva, com vistas a promover a infalibilidade do líder e eliminar todo e qualquer tipo de oposição⁴. (PESSIOLI, 2008, p. 62-63).

O próprio Orwell expressou ter pretendido criticar todas as revoluções conduzidas por pessoas sedentes por poder, as quais teriam o condão de ensejar, tão-somente, a troca dos padrões, com manutenção da exploração dos oprimidos pelos opressores. (SAMPAIO, 2005, p. 65).

A Revolução dos Bichos, para além de expor algo que já ocorreu e foi superado, funciona como um alerta, no sentido de que a ausência de desenvolvimento de consciência política pelos indivíduos traz o grande risco de que sejam manipulados e utilizados como fantoches para o alcance de finalidades escusas. (PESSIOLI, 2008, p. 89).

⁴ Segundo ARENDT, “o aspecto mais característico do terror totalitário, que é desencadeado quando toda a oposição organizada já desapareceu e quando o governante totalitário sabe que já não precisa ter medo” (1998, p. 345)

A utilização da fábula também colabora com a extração de um significado maior para a mensagem contida na obra, uma vez que a história dos animais não ocorre sob o jugo de paradigmas geográficos e temporais rigidamente delimitados. Isto torna possível que a simbologia existente possa ser aplicada ao longo dos anos. Atitudes autoritárias e totalitárias podem ser praticadas em qualquer regime político, em qualquer época. (PESSIOLI, 2008, p. 94).

Segundo Hayek, “a limitação do poder é o problema mais importante da ordem social”, uma vez que o Estado, detendo “o monopólio da coerção e da violência, converte-se também na principal ameaça à liberdade individual”. (1985, p. 133).

Assim, a experiência havida na Granja dos Bichos, na qual o poder pós-revolucionário foi exercido sem limites e controles pelos porcos, que contavam com o monopólio da força, consubstanciado na lealdade dos cães, ainda se mostra relevante, pois simboliza preocupação presente na ordem social.

A construção desacreditada de George Orwell no tocante à utopia, revelada no sonho do Major e no mito divulgado por Moisés, também é proeminente, encontrando eco, por exemplo em Berlin, o qual, em razão de os valores defendidos pela humanidade, não raro, serem conflitantes entre si, compreende ser impossível alcançar uma solução última que englobe a coexistência de todos os bens tidos como valiosos. E a perseguição desta finalidade mostra-se bastante perigosa, pois “para fazer tamanho omelete, não há limites para o número de ovos a serem quebrados”. (2016, pp. 44-45).

Nesse contexto, revela-se a importância da crítica de Orwell, cética acerca da possibilidade de implantação de um sistema social no qual inexistiriam desigualdades entre os indivíduos, nem grupos de pessoas que fariam uso do poder em benefício próprio. (PELPUO; BAKUURO; TUUROSONG, 2018, p. 10).

Um aspecto bastante saliente abordado na obra é a constante alteração dos mandamentos do animalismo para conformá-los à atitude dos porcos, que, na condição de líderes, acabaram por adotar comportamentos cada vez mais próximos daqueles que foram objeto de abolição pela revolução.

Essa situação também revela problemática que ainda se mostra bastante atual, consistente na frequente modificação de leis para atender a interesses particulares da classe dominante, que afronta

um ideal mais antigo, isto é, o de que o poder de todas as autoridades com função governamental deve ser limitado por normas duradouras que ninguém pode alterar ou revogar a serviço de fins particulares: princípios que são as condições de associação da comunidade, a qual reconhece uma autoridade porque esta é obrigada a cumprir tais normas duradouras. (HAYEK, 1985, p. 134).

Nos dias atuais, persistem, ainda que em menor intensidade, regimes totalitários. Exemplo é a República Popular Democrática da Coreia. Isolada, em grande medida, do mundo externo, é governada por um líder absoluto, cuja admiração é cultivada e exigida. Com mera menção formal à ideia de democracia, há intenso controle do governo sobre a liberdade individual e os meios de comunicação. Um Estado contemporâneo que se pode afirmar “orwelliano”. (HITCHENS, 2010).

Arendt apresenta como fator mais “assustador” do empreendimento totalitário não a negação da liberdade do homem, mas a concepção de que o sacrifício desta é fator imprescindível para o desenvolvimento histórico. (2018, p. 51). Quantos sacrifícios foram exigidos dos animais, dia após dia, sob a bandeira do progresso coletivo da granja, mas que, na verdade, revertiam exclusivamente para a manutenção dos privilégios dos porcos e de sua perpetuação no poder.

Na Granja dos Bichos, a liberdade dos animais foi constantemente alvo de limitações e restrições, desde a impossibilidade de manifestação de opinião contrária ao regime suíno até a completa abolição do hino que representava a revolução e a almejada igualdade entre os animais.

Na sociedade atual, a questão da liberdade ainda se faz bastante presente, pois, embora não haja submissão direta e imediata a uma força ou dominação específica, o homem é coagido pelas necessidades inerentes à própria vida, de modo que esta não seria regulada pela liberdade, mas pela necessidade. (ARENDRT, 2018, p. 81).

Nesse sentido, a Revolução Industrial trouxe substanciais alterações nas condições materiais da sociedade. De um lado, houve progresso e incremento produtivo; de outro, aumento no número de oprimidos e proliferação de focos de pobreza, principalmente em centros urbanos. As dificuldades sociais profundamente acentuadas implicaram agitação revolucionária sem precedentes, dando azo à consolidação de sistemas ideais igualitários, como o comunismo. (SILVA, 2005, pp. 34-35).

Atualmente, o mundo se encontra às beiras de uma nova revolução tecnológica, com o vertiginoso crescimento da automação decorrente do desenvolvimento de algoritmos e do emprego de inteligência artificial na consecução de tarefas que, até pouco tempo, eram desempenhadas exclusivamente por humanos. Possivelmente, caso não sejam desenvolvidas políticas públicas destinadas a lidar com essa nova forma de organização econômica e social, estarão novamente os ingredientes capazes de levar a nova movimentação revolucionária, repetindo-se o ciclo anteriormente vivido⁵.

Na sociedade contemporânea é possível identificar diversos dos elementos destacados por Orwell na obra. Atualmente, existe um controle exercido sobre as mídias sociais, pelas próprias corporações que as desenvolvem e as mantêm, o qual não se encontra ao alcance da compreensão das pessoas que as utilizam. Além disso, ganhou relevo a utilização dessas mesmas redes para a disseminação de notícias falsas⁶, como forma de influenciar a opinião pública a respeito de fatos e de pessoas⁷. Portanto, práticas derivadas do totalitarismo se espalharam para as sociedades contemporâneas, mesmo em Estados democráticos. (PESSIOLI, 2008, p. 80).

Contudo, não há solução fora da democracia, compreendida, segundo Bobbio, como um conjunto de regras para a resolução de conflitos e disputas sem violência ou derramamento de sangue, submetida não a um governo de homens, mas ao império das leis, sem o qual o sistema se degenera, imbricando em algo bastante próximo à alegoria retratada por George Orwell após a malsinada revolução dos bichos. (1986, p. 171).

CONCLUSÃO

Por meio deste trabalho, buscou-se traçar uma análise crítica do livro “A Revolução dos Bichos”, de George Orwell.

⁵ Cabe destacar as palavras de Berlin, que reconhece como dois os principais eventos da história humana no século XX: (i) o desenvolvimento das ciências naturais e da tecnologia; e (ii) o vendaval de ideais que deu origem à Revolução Russa de 1917 e seus desdobramentos, como tiranias totalitárias de esquerda e de direita, nacionalismo, racismo e intolerância religiosa (2016, p. 15).

⁶ Registre-se o Inquérito n. 4781, instaurado pelo Supremo Tribunal Federal, com o escopo de investigar a disseminação de notícias falsas e ameaças contra a Corte e seus membros. Trata-se de exemplo bastante contundente da utilização das redes sociais para disseminação de informações inverídicas, como forma de legitimação junto às massas de determinadas posições político-ideológicas marcadamente deficitárias sob o prisma democrático (BRASIL, 2019).

⁷ Hayek, citando Confúcio, alertou: “quando as palavras perderem seu significado, as pessoas perderão sua liberdade” (1985, p. 140).

Após uma análise sucinta dos dados biográficos mais relevantes do autor, constatou-se que entre as experiências por ele vivenciadas, algumas tiveram maior influência na produção literária objeto do estudo: os momentos de dificuldade e contato com a classe pobre de Paris; o laboratório junto à classe trabalhadora dos mineiros ingleses; e os acontecimentos havidos durante a Guerra Civil Espanhola.

A partir dessa vivência e dos desdobramentos da Revolução Russa de 1917, George Orwell produziu um texto rico e profundo acerca das agruras inerentes a regimes totalitários, não limitados a qualquer espectro ideológico, cujo significado e simbolismo permanecem atuais e presentes, em diversos aspectos da sociedade contemporânea.

O pensamento do autor britânico oferece instrumental útil, também, à ciência jurídica, pois contribui para a identificação da utilização, tanto por agentes públicos quanto por atores privados, de expedientes que possam representar risco à estabilidade das instituições democráticas e à ordem constitucional vigente.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ARENDDT, Hannah. **O que é política?** Tradução: Reinaldo Guarany. 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

BERLIN, Isaiah. A procura do ideal. In: BERLIN, Isaiah. **Uma mensagem para o século XXI**. Tradução: André Bezemat. Belo Horizonte: Editora Âiné, 2016, pp. 15-54.

BOBBIO, Norberto. Governo dos homens ou governo das leis. In: BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo**. Tradução: Marco Aurélio Nogueira. 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

BRASIL. **Ato Institucional n. 1 de 1964**. Rio de Janeiro, 1964. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-01-64.htm. Acesso em: 21 out. 2021.

BRASIL. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 1937**. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm. Acesso em: 21 out. 2021.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Inquérito n. 4.781-DF**. Relator: Min. Alexandre de Moraes. Brasília, 2019.

FAJRINA, Dian. Character Metaphors in George Orwell's Animal Farm. **Studies in English Language and Education**, 3 (1), 2016. <https://doi.org/10.24815/siele.v3i1.3391>.

HAYEK, Friedrich von. A limitação do poder e o destronamento da política. *In*: HAYEK, Friedrich von. **Direito, legislação e liberdade: uma nova formulação dos princípios liberais de justiça e economia política**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Visão, 1985, pp. 133-158.

HITCHENS, Christopher. **A vitória de Orwell**. Tradução: Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

JABAK, Omar Osman. **George Orwell's Animal Farm: an outcry against false revolutionary leaders**. **English Literature and Language Review**, v. 5, issue 10, 2019. <https://doi.org/10.32861/ellr.510.173.179>.

MARTINS, Adriana Alves de Paula. A resistência à (des)ordem do mundo ou a dimensão ético-política da escrita de George Orwell. *In*: VIEIRA, Fátima (org.); SILVA, Jorge Bastos da (org.). **George Orwell – Perspectivas contemporâneas**. Porto: FLUPE-DITA, 2005, pp. 51-59.

MATOS, Andityas Soares de Moura Costa. Utopias, distopias e o jogo da criação de mundos. *In*: **Rev. UFMG**. Belo Horizonte, v. 24, n. 1 e 2, pp. 40-59, jan./dez. 2017.

MATOS, Jacinta Maria. "The Rod from Mandalay": Orwell e o imperialismo. *In*: VIEIRA, Fátima (org.); SILVA, Jorge Bastos da (org.). **George Orwell – Perspectivas contemporâneas**. Porto: FLUPE-DITA, 2005, pp. 13-32.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. Traduzido por: Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ORWELL, George. Why I write. *In*: ORWELL, George. **Such, such were the joys**. Harcourt, Brace & Co., 1953.

PELPUO, Rashid Hassan; BAKUURO, Justine; TUUROSONG, Damasos. Literature and politics – A review of George Orwell's Animal Farm and Chinua Achebe's A Man of the People. **International Journal of English Language and Linguistic Research**, v. 6, n. 2, abr. 2018. Disponível em: <http://www.eajournals.org/wp-content/uploads/Literature-and-Politics-A-Review-of-George-Orwell%E2%80%99s-Animal.pdf>. Acesso em: 13/05/2020.

PESSIOLI, Marcelo. **From allegory into symbol: revisiting George Orwell's Animal Farm and Nineteen Eighty-Four in the light of 21st century views of totalitarianism**. 2008. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Instituto de Letras, Porto Alegre, 2008.

SAMPAIO, Sofia. Recordando Animal Farm e Nineteen Eight-Four: notas sobre o anti-utopismo de George Orwell. *In*: VIEIRA, Fátima (org.); SILVA, Jorge Bastos da (org.). **George Orwell – Perspectivas contemporâneas**. Porto: FLUPE-DITA, 2005, pp. 61-75.

SILVA, Elisabete do Rosário Mendes. O socialismo de Orwell: uma nova proposta social em plena Segunda Guerra Mundial. *In*: VIEIRA, Fátima (org.); SILVA, Jorge Bastos da (org.). **George Orwell – Perspectivas contemporâneas**. Porto: FLUPe-DITA, 2005, pp. 33-50.

VIEIRA, Fátima; SILVA, Jorge Bastos da. Introdução: 100 anos de George Orwell. *In*: VIEIRA, Fátima (org.); SILVA, Jorge Bastos da (org.). **George Orwell – Perspectivas contemporâneas**. Porto: FLUPe-DITA, 2005, pp. 5-11.

WEBER, Max. **Ciência e política: duas vocações**. Tradução: Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martin Claret, 2015.

Recebido – 11/12/2020

Aprovado – 30/11/2021